

**Acessibilidade
textual e
endereçamento:
contribuições
bakhtinianas
para estratégias
de simplificação
textual**

Asafe Davi CORTINA SILVA¹
Eduardo Silva MOLL²
Cristina Lopes Becker PERNA³

RESUMO: O objetivo do presente artigo é relacionar os conceitos bakhtinianos de endereçamento e de leitor presumido com práticas de Acessibilidade e Simplificação Textual. Ainda que pesquisas na área de Acessibilidade e Simplificação Textual orientem práticas linguísticas para aplicação de estratégias de simplificação, parece haver uma lacuna na compreensão de “leitor” e de sua importância primária como orientador de [re]escrita simplificada. Por esse motivo, os conceitos de Bakhtin são fundamentais e podem embasar teoricamente o estatuto do leitor e seu papel nas práticas de compreensão discursiva, iluminando, assim, a aplicação de estratégias. Além disso, buscamos destacar a importância de considerar os meios midiáticos nos quais informações serão disponibilizadas, uma vez que, de acordo com Charaudeau, não apenas o enunciado, mas a forma como o enunciado é disposto influenciam na sua compreensão. Primeiro, apresenta-se um breve conceito das áreas de Acessibilidade, Complexidade e Simplificação Textual e do estatuto do leitor para as áreas. Em seguida, abordaremos as ideias de endereçamento e de leitor presumido e a relação desses conceitos com [re]escrita acessível, seguidos por considerações a respeito de acessibilidade para mídias digitais. Após, abordaremos algumas instruções de especialistas em acessibilidade para a *internet*. Por fim, apresentaremos um exemplo de pesquisa na qual foram aplicadas estratégias de simplificação e um exemplo de *site* informativo com elementos que tornam a compreensão menos acessível.

PALAVRAS-CHAVE: Acessibilidade Textual. Simplificação Textual. Endereçamento. Leitor Presumido. Bakhtin.

1. Docente na Escola de Humanidades (Letras) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutorando em Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, email: asafe.davi@puers.br, ORCID: 0000-0001-5039-8465;
2. Mestrando em Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, email: eduardosilva.moll@gmail.com, ORCID: 0000-0002-0635-9845;
3. Docente na Escola de Humanidades (Letras) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutora e Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, email: cperna@puers.br, ORCID: 0000-0002-9638-1180.

1. INTRODUÇÃO

Complexidade, simplificação e acessibilidade textual são assuntos que têm sido amplamente discutidos em contextos linguísticos, principalmente quando o objetivo de acessibilidade é a divulgação científica. Silva (2018), por exemplo, estudou a complexidade de textos de divulgação científica da Psiquiatria e constatou que, embora os textos tenham sido escritos para leitores leigos, existem características que os tornam complexos para esse público de leitor, tais como extensão textual, léxico e terminologia complexos, informações especializadas desnecessárias, entre outras. Finatto (2018), por sua vez, apresenta um resumo de trabalhos realizados em contexto de divulgação científica que investigam a complexidade de textos de diversos temas, como Terapias Ocupacionais, Agricultura, Doença de Parkinson, Transtorno do Estresse Pós-Traumático, Direito, etc. Entretanto, ainda que o tema seja investigado e debatido, poucas são as pesquisas em língua portuguesa que se concentram na eficiência de estratégias de acessibilidade para a comunicação entre especialistas e leigos, principalmente quando esses leitores leigos são de escolaridade limitada. Ainda mais raras são as pesquisas a respeito dos temas que lidem com acessibilidade textual para além do texto e analisem os meios pelos quais textos (e elementos extratextuais) são veiculados.

Ao pesquisar sobre Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual⁴ (AT), podemos observar estudos especificamente linguístico-gramaticais ou lexicais, cujo foco de acessibilidade é o texto como um objeto dotado de sentidos engendrados de modo imanente. Grande parte dos estudos e das instruções de acessibilidade parece alijar-se do escrutínio relativo ao estatuto do leitor para o qual o texto se destina, o que parece indiciar uma subjacente concepção de texto como um produto fechado. Em suma, identificamos que a consideração das relações entre textos, leitores e o meio social em que a interação comunicativa se constitui poderia beneficiar as áreas a que esta discussão se refere.

Somado ao número reduzido de pesquisas a respeito dos temas em língua portuguesa, também são raras as que se concentram no papel determinante do leitor-receptor de textos acessíveis. Nessas pesquisas, percebemos que por “leitor” entende-se um sujeito universal e homogêneo. Em outras palavras, tais pesquisas lidam com o leitor como se toda e qualquer pessoa para quem um texto acessível seja dirigido tivesse uma “bagagem cultural” uniforme, como se apresentasse os mesmos níveis de proficiência de leitura em língua materna e como se estivesse inserida nas mesmas realidades socioculturais. Pesquisas sobre AT acabam por apresentar diversas instruções estritamente linguísticas, passando ao largo tanto do aspecto social da

4. Utilizaremos os termos em caixa alta para fazer referência às áreas de pesquisa.

língua, quanto da relação entre as estratégias de simplificação textual e a interação entre o texto e o leitor. Uma vez que complexidade e acessibilidade textual estão intrinsecamente relacionadas ao leitor-destinatário, é fundamental levá-lo em consideração antes da aplicação de qualquer estratégia de simplificação.

Ao levar em consideração o leitor, é preciso investigar uma série de fatores a seu respeito antes de qualquer adoção de estratégias de simplificação textual. Mais do que estratégias puramente linguísticas, um dos fatores a ser considerado é o meio pelo qual um texto será acessado. Silva (2018) menciona que em uma pesquisa com leitores com escolaridade limitada, a maior parte dos entrevistados alegou que páginas “poluídas”, textos longos, presença de figuras e tabelas, hiperlinks e até mesmo diagramação e cores são fatores considerados como potencializadores de complexidade ao acessar um texto na Internet.

Assim, um texto acessível deve levar em consideração não somente seu conteúdo temático e estilístico – aqui inclusos os aspectos lexicais e sintáticos – mas também sua forma composicional nas mídias que os veiculam. Identificamos, portanto, a premência de estudar a relação entre os gêneros do discurso, suas formas de orientação na realidade e as estratégias de simplificação textual. Numa perspectiva bakhtiniana, compreendemos o texto como enunciado concreto, tal como o autor registra em *O texto na linguística*, na filologia e em outras ciências humanas, para assim estudarmos: (i) a reação à palavra alheia, o projeto enunciativo endereçado ao campo aperceptivo de percepção do leitor (BAKHTIN, 2016b [1953]) e o auditório social do enunciado (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), enquanto aspectos concernentes ao funcionamento da materialidade enunciativa, assim como (ii) a relação entre gêneros e as práticas coletivas de orientação social na realidade (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]). Com o recurso da Semiologia de Charaudeau (2019 [2005]), poderemos compreender a relação entre o funcionamento dos gêneros do discurso e os contextos midiáticos, com vistas a abordar a acessibilidade. Com isso, relacionaremos às estratégias de simplificação textual uma base interacional e discursiva da comunicação.

Com isso, nosso artigo objetiva relacionar os conceitos bakhtinianos de endereçamento e de leitor presumido com práticas de Acessibilidade e Simplificação Textual. Justificamos nossa pesquisa com base no enriquecimento duplo que ela enseja: para que as pesquisas em Acessibilidade Terminológica sejam receptivas à dimensão dialógica da linguagem, assim como para que os estudos bakhtinianos percebam nas estratégias de simplificação as potencialidades da língua nos sentidos singulares gerados. No cumprimento de nosso artigo, propomos uma discussão sobre a importância da consideração do leitor para pesquisas de AT e para adoções de estratégias de ST ao [re]escrever textos de divulgação científica (principalmente sobre temas da Saúde) a serem divulgados em meios digitais (como sites e redes sociais). Nessa conjuntura, relacionaremos os conceitos citados com a esfera midiática e o discurso das mídias, valendo-nos de Charaudeau.

Na próxima seção, apresentaremos os conceitos e distinções de CT, ST e AT, relacionaremos esses conceitos com a perspectiva bakhtiniana e refletiremos sobre o papel do leitor para as práticas dessas áreas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 COMPLEXIDADE, SIMPLIFICAÇÃO E ACESSIBILIDADE TEXTUAL EM DIÁLOGO COM A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Embora Complexidade Textual, Simplificação Textual e Acessibilidade Textual sejam tomados, algumas vezes, como sinônimos, é importante distinguir as áreas e seus aportes conceituais.

CT é uma análise – geralmente de um linguista apoiado por uma ferramenta de Processamento de Linguagem Natural – que verifica componentes de um texto que o tornam mais ou menos complexos para um determinado perfil de leitor; ST são processos e estratégias adotados para tornar-se um texto acessível para o leitor estipulado, e AT acena aos recursos utilizados em um texto (provenientes dos processos de ST) para que ele seja compreendido pelo leitor-alvo.

Pesquisadores como DuBay (2004) e organizações com o Plain Language (2004) do governo dos Estados Unidos, publicaram livros e materiais instrutivos sobre como escrever de forma acessível. Entretanto, as instruções apresentadas por eles não determinam o tipo de leitor para quem as instruções são aplicáveis; disso decorre a visão subjacente de leitor homogêneo. Silva (2018), por outro lado, comprovou que muitas das orientações apresentadas por DuBay e pelo Plain Language não são tão eficientes para a língua portuguesa e para leitores com escolaridade limitada. Mesmo dentro da categoria “leitores leigos”, existem aspectos socioculturais que diferenciam as estratégias que devem ser adotadas para cada perfil de leitor, tais como hábitos de leitura, idade, profissão, acesso à internet, etc.

Ainda que alguns estudos tenham sido desenvolvidos a respeito desses temas, não há uma conclusão ou fórmula que garanta o sucesso de uma simplificação textual; diversos processos se imbricam na simplificação e todos eles dependem de fatores específicos, tais como: forma de veiculação e transmissão do texto, assunto, objetivo e – principalmente - perfil de leitor que receberá e entrará em contato com as informações escritas. Precisamente pelo fato de um texto só ser considerado acessível ao levar em consideração o leitor para o qual se destina, é possível acreditar que existam estratégias que podem servir como orientações para uma escrita acessível, mas que sempre será preciso observar a aplicação dessas estratégias em observância às contingências situadas do outro a que o texto se endereça. Ou seja: a quantidade de possíveis destinatários de um texto é a mesma quantidade de grupos de estratégias que poderão ser aplicados. Sendo assim, nunca existirá apenas uma fórmula ou conjunto de regras que ditem o que é acessível e o que não o é. Um texto acessível

para um estudante de Medicina de semestres iniciais, por exemplo, não é acessível para um leitor leigo, ou um texto acessível para um arquiteto, não é necessariamente acessível para um mestre de construção.

Além disso, ainda parece haver a falsa crença de que um texto é complexo por si só, ou que são os componentes imanentes desse texto que definem seu grau de complexidade, independentemente do leitor. Entretanto, Silva (2018) enfatiza que a complexidade só pode ser entendida na relação entre texto, leitor e mundo.

A relação entre enunciado e mundo social é uma tônica dos escritos de Bakhtin e do Círculo⁵. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, por exemplo, Volóchinov (2018 [1929], p. 95) argumenta que a compreensão é um processo inscrito numa “cadeia da criação e da compreensão ideológica”, na qual as visões de mundo e as avaliações das coletividades são determinantes da ativa contrapalavra como índice de compreensão. Ou seja, a compreensão é um ato responsivo constituído no mundo cultural e alteritário. Uma posição análoga é adotada por Medviédev (2012 [1928], p. 49), ao indicar que “a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo da comunicação social”. Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016b [1953], p. 57) indica que os enunciados e o estatuto do sujeito que enuncia se assemelham no que tange a sempre presente orientação da palavra minha à palavra alheia: “todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva”. Desse breve panorama, consideramos neste artigo o endereçamento ao outro e ao mundo social um recurso indispensável às estratégias de simplificação textual.

5. A expressão “Círculo de Bakhtin”, segundo Brait e Campos (2016), refere-se às discussões forjadas nos encontros de intelectuais russos com distinta formação, entre 1919 e 1929, em Nevel, Vitebsk e Leningrado, para discutir, dentre outros temas, questões atinentes à arte, à literatura, à filosofia e à linguagem. Nomes como M. Yundina, L. Pumpianskii, I. Kanaev, M. Kagan e I. Sollertinski, juntamente com M. Bakhtin, V. Volóchinov e P. Medviédev, constavam nos encontros. Os últimos três nomes ganham relevo ao que hoje é chamado de estudos bakhtinianos. Essa expressão acentua o estatuto dialógico da construção dos primeiros escritos teóricos, construídos a muitas vozes, assim como acena à influência-continuidade das formulações iniciais do Círculo nas obras assinadas apenas por Bakhtin.

6. Os escritos de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov apresentam matizes distintos ao conceito de ideologia, mais ou menos atrelados à classe social. O que unifica as perspectivas é a concepção de ideologia não como mistificação do real, mas como um ponto de vista sobre o mundo material. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2018 [1929], p. 93, grifos nossos) indica que o signo enquanto elemento que reflete e refrata a realidade é “capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (p. 93). Em *O que é língua/linguagem*, Volóchinov (2019 [1930]) indica que a ideologia do cotidiano, a qual transita entre as esferas ideológicas constituídas e a base infraestrutural, é o espaço discursivo em que sentidos e avaliações sobre o mundo material se tornam possíveis: “A ideologia do cotidiano atribui sentido a cada um dos nossos atos, ações e estados ‘conscientes’” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 260). Neste artigo, adotaremos uma visão de ideologia consentânea a Volóchinov.

Silva (2018) e Finatto (2018) destacam, em vista às diferentes possibilidades e estratégias de acessibilidade textual, que é preciso observar um conjunto de indicações que seja mais adequado para cada tipo de leitor e que essas orientações se diferem. Leitores leigos com escolaridade limitada se beneficiam, por exemplo, de um vocabulário simplificado e de estruturas reduzidas, mas podem considerar tabelas, referências externas e links como elementos complicadores. Já para um estudante de graduação – frequentemente – tabelas, referências e links podem ser vistos como elementos facilitadores.

Além do perfil de leitor, compreendemos que um texto acessado em diferentes meios midiáticos também pode apresentar elementos e exigir estratégias que colaborem com a acessibilidade. Em mídias digitais, o uso de hiperlinks, ponto lista⁷, tamanho de fontes, cores, presença de vídeos ou áudios, por exemplo, são fatores que podem ser considerados como elementos que reduzem a acessibilidade de um texto (conforme indicam pesquisas do projeto ICT4IAL, 2013⁸). O olhar semiolinguístico às mídias também endossa os estudos citados. Charaudeau (2019 [2005], p.81, *itálicos nossos*) afirma:

A acessibilidade da informação baseia-se na hipótese de que o grau de compreensão de um discurso está ligado à simplicidade, à clareza com a qual o discurso é construído. (...) O que é, em si, uma linguagem simples ou empolada, e *para que* tipo de público? O que é, em si, uma explicação clara ou obscura, e *para quem*? Além disso, a acessibilidade não pode ser concebida da mesma maneira para cada suporte midiático (televisão, imprensa, rádio). Na verdade, *a acessibilidade depende do imaginário linguístico concebido pela instância de enunciação*, o imaginário ideal sobre o modo de escrever, o imaginário atribuído ao receptor segundo seu *status* social.

Com base nos trechos destacados, refletimos sobre a relação entre as mídias e os valores que se inscrevem na captação midiática. Os polos “para que” e “para quem” acenam à função e ao “pacto de cointencionalidade” que permeiam os contratos de comunicação, inclusive nas mídias (CHARAUDEAU, 2019 [2005], p. 68). Nesse pacto, o direcionamento ao outro e seu engajamento prospectado são indispensáveis ao evento interativo. Logo, uma linguagem acessível deve ser pensada nas intrincadas relações entre os valores – o imaginário linguístico, segundo Charaudeau – da instância de enunciação (ou do locutor) e da instância de recepção (ou do interlocutor). Embora a acessibilidade em Charaudeau esteja sendo pensada em termos distintos da ST e da AT, podemos entender que a maneira como

7. Bullet points

8. Organização que instrui sobre informações acessíveis em diferentes tipos de mídias.

um sujeito se reporta ao outro traz em si a consideração dos valores e das marcas enunciativas que materializam o pacto de cointencionalidade entre locutor e interlocutor.

Assim, quando uma escrita acessível é destinada a um leitor específico e com um perfil delimitado, a aplicação de estratégias de ST se torna mais fácil, uma vez que as escolhas podem ser guiadas por esse perfil. Entretanto, quando é preciso escrever um texto acessível para um grupo de leitores de forma geral (como escrever sobre determinados tópicos de Saúde para públicos leigos em sites informativos) é preciso ter em mente um protótipo de leitor e pressupor algumas informações sobre o público que irá acessar e utilizar o texto para fins informativos. Dessa forma, qualquer escrita acessível deve sempre ser guiada não apenas pelos fatores textuais, mas, principalmente, pela visão e concepção dos leitores para quem os textos serão destinados.

Tendo em mente a importância do leitor para a aplicação de estratégias de simplificação, apresentaremos, na próxima seção, os conceitos de endereçamento e de leitor presumido e sua possível relação com práticas das áreas de AT, CT e ST.

2.2 ENDEREÇAMENTO E LEITOR PRESUMIDO NA ACESSIBILIDADE TEXTUAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Nesta sessão, apresentaremos os conceitos de endereçamento em Os gêneros do discurso, de Bakhtin (2016b [1953]), texto publicado posteriormente à finalização dos encontros do Círculo de Bakhtin, mas que é representativo do diálogo enquanto fator indispensável da criação de sentido – tônica conceitual compartilhada também por Volóchinov e Medviédev. Também, observaremos a relação entre enunciado, audiência social e leitor presumido em Marxismo e filosofia da linguagem, de Volóchinov (2018 [1929]), texto que compreendemos ser fruto da efervescente colaboração teórica do Círculo de Bakhtin.

Em Os gêneros do discurso, Bakhtin(2016b [1953], p.58) afirma que a expressividade de um enunciado “em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado”. Essa relação responsiva acena à atividade dos sujeitos envolvidos na interação discursiva e revela a intrínseca relação entre expressividade e endereçamento. “Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento” (BAKHTIN, 2016b [1953], p. 62), sendo as dinâmicas de endereçamento mais ou menos estabilizadas de acordo com os gêneros do discurso. Por isso, cada gênero inscrito nos distintos campos da comunicação “tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2016b [1953], p. 63). Os gêneros, por sua vez, são “atos de orientação do homem na realidade”, são processos de “visão e de compreensão da realidade” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], pp. 198 – 199)

e, portanto, se objetivam também a partir do endereçamento do sujeito ao outro. Posto diferentemente, não podemos considerar a objetivação de um enunciado sem com isso ver refrangido nele o interlocutor.

Ao pensar sobre a interação discursiva, Bakhtin defende haver sempre a prospecção da compreensão do enunciado do locutor pelo interlocutor. Para Bakhtin (2016b [1953]), o enunciado, enquanto unidade da interação discursiva, sempre tem autor e destinatário, e esse destinatário pode ser compreendido como uma pessoa, como um coletivo ou até mesmo como um “outro indefinido”. O outro a quem o enunciado se destina influencia *por dentro* a organização desse enunciado, instaurando no projeto enunciativo do locutor – sua “vontade discursiva” manifesta num determinado gênero – o campo aperceptivo da percepção do seu enunciado pelo interlocutor. Sobre isso, Bakhtin (2016b [1953], p. 63) afirma que:

Ao falar, levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele.

Partindo do pressuposto de que todo enunciado concreto considera a existência de um interlocutor ativo, o direcionamento de um enunciado refrange em sua própria estrutura o outro a que se dirige. Esse direcionamento pode ser definido como *endereçamento*, que é, de acordo com Morson (2006, p. 55),

um termo cunhado por Mikhail Bakhtin na sua tentativa de redirecionara Linguística e que indica que uma característica essencial da língua é que ela é sempre orientada a um receptor. Endereçamento é o que torna uma frase, um mero enunciado potencial, em um verdadeiro enunciado. Um receptor não apenas responde a um enunciado depois que ele é feito, ele também modela esse enunciado enquanto ele está sendo feito. Endereçamento também inclui o diálogo implícito de um enunciado com enunciados prévios do mesmo tópico. [...] O endereçamento também inclui a orientação do enunciado a um “superdestinatário”, um receptor pressuposto/imaginado que entenderia o enunciado perfeitamente.

Nelson e Hull (2005), explicam que endereçamento, de acordo com Bakhtin, é a parte essencialmente dialógica ou orientada a uma audiência de um enunciado e que, uma vez que um enunciado tem um “autor” e um “receptor”, ele é influenciado e varia de acordo com o receptor. Os autores também explicam que esse direcionamento ou “modelação” do enunciado (endereçamento) também contempla a imagem que o autor assume da audiência e exemplificam ilustrando que uma carta, por exemplo, apresenta nuances e elementos que não seriam apropriados em um discurso oral.

Levando em consideração o *endereçamento*, um locutor (ou escritor) se orienta num gênero, nele adota procedimentos de composição e nele define os meios linguísticos dos enunciados/textos⁹. Esse processo não se afasta em nenhum momento da estreita ligação com campos da atividade humana. Como afirma Bakhtin (2016b [1953], p. 63), as “modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere”, influenciando na composição e no estilo do dizer. Sendo assim, *endereçamento* está relacionado à posição/atitude do locutor com o interlocutor (que tem papel ativo na interlocução e que influencia e determina o ato interlocutório) em relação aos campos da atividade humana. Para isso, um locutor precisa de uma “imagem” de destinatário sobre quem terá expectativas da compreensão do seu enunciado. Quem nos ajudará a compreender essa imagem é Volóchinov.

Volóchinov (2018 [1929]) apresenta o conceito de *auditório social* para explicar a relação entre vivência, expressão e consciência. A consciência do sujeito possui um “*auditório social* estável, e nesse ambiente se formam seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc.” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205). A consciência, preenchida pelo auditório representado pela coletividade de que o sujeito faz parte, *percebe* a existência de acordo com os valores dessa coletividade e se orienta à palavra alheia nesse auditório. Logo, a palavra pode ser compreendida como um ato bilateral, “determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem se dirige*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205). Com isso, podemos entender que é com base na imagem que se faz do interlocutor que um locutor elabora o discurso e o “apura” com o objetivo de se certificar de sua compreensão. Portanto, não se entende um enunciado sem que se leve em consideração a situação social (que é determinada por um contexto social amplo e por um meio social imediato) e a estruturação da palavra (no sentido de *slova*, discurso) como uma “ponte” que liga o eu ao seu outro (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205).

9. Embora tenhamos anunciado previamente, é válido ressaltar que estamos lidando com os conceitos de “texto”, “enunciado” e “palavra (minha, alheia)” em estreita aproximação. Embora as noções de “texto” e “enunciado” tenham sido contrastadas por Bakhtin e Círculo diversas vezes, tal contraste fora feito ao compreender o texto enquanto materialidade significativa da língua, repetível e potencial, enquanto o “enunciado” fora compreendido em sua irrepetibilidade, preenche de sentidos atualizados no momento da interação discursiva. A aproximação feita ancora-se em O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959 – 1961), em que Bakhtin (2016^a, p. 73) nos leva a conceber o texto “como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo”. Então, o texto-enunciado traz em si os elementos repetíveis que o proporcionam ser único, singular e irrepetível no momento de sua realização.

A partir disso, compreendemos que, na ST, é necessário que exista um leitor/ouvinte presumido no projeto discursivo de qualquer enunciado, para que então esse se projete a um campo aperceptivo de percepção em que a compreensão responsiva do enunciado seja possível. Resumidamente e de forma generalizada, *leitor presumido* pode ser compreendido como parte fundante e estruturante do enunciado, sendo a partir desse leitor presumido que um locutor toma decisões para constituir-lo. Nessa constituição, enunciado, gênero e esfera da atividade humana se imbricam.

Questões relativas ao endereçamento e ao leitor presumido vêm sendo discutidas e aplicadas à análise de diversos tipos de textos, como textos didáticos e anúncios publicitários, principalmente porque para essas duas tipologias textuais, existem leitores com características geralmente bem-delimitadas e porque ambos os textos têm propósitos comunicativos específicos: instruir e persuadir. Entretanto, ainda falta um recurso a uma teoria da linguagem que embase a interação discursiva fundada na atividade dos sujeitos interagentes.

Ao falarmos de acessibilidade textual, sabemos – de antemão – que existirá um receptor para o texto acessível; o que dá a esse texto uma função comunicativa e social. Dessa forma, o texto pode ser compreendido como uma manifestação concreta da língua e como meio de interação entre o autor e o leitor. Volóchinov (2018 [1929], p. 184), em consonância com Bakhtin e Medviédev, afirma que todo enunciado, “mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. Ou seja, a perspectiva bakhtiniana pode contribuir aos estudos em AT, compreendendo as estratégias como parte de um projeto que tem como fim a interação verbal.

Em suma, de nosso panorama teórico nos estudos de Bakhtin e Círculo, compreendemos que *endereçamento* e *leitor presumido* são conceitos que também podem ser utilizados como norteadores para pesquisas sobre acessibilidade textual uma vez que – conforme já mencionado – nenhuma análise de complexidade e nenhuma aplicação de estratégias de simplificação podem ocorrer sem a delimitação prévia de um perfil de leitor. Embora essas práticas já estivessem sendo desenvolvidas na área, identificamos uma falta de perspectiva teórica que embasasse o direcionamento ao outro na constituição do texto. Encontramos uma possível orientação teórica em Bakhtin e Círculo e acreditamos na produtividade do diálogo entre as áreas. Sendo assim, podemos compreender como “leitor presumido” o perfil de leitor a quem um texto acessível será destinado e como “endereçamento” a escolha e aplicações de estratégias para que esse texto cumpra seu objetivo comunicativo e crie um espaço mais favorável à compreensão responsiva ativa do texto.

Pesquisas de AT que “isolam” e estudam diferentes perfis de leitores podem contribuir para o entendimento e delimitação de leitores presumidos de forma que instruções a respeito de estratégias de simplificação possam ser adotadas de acordo com cada tipo de perfil de leitor. Uma vez que grande parte dos textos [re]escritos que objetivam ser acessíveis são destinados

a públicos amplos (e raramente a um único leitor), relacionar estratégias a determinados perfis de leitor pode contribuir para futuras composições textuais acessíveis, uma vez que esse levantamento de dados (do leitor ou das estratégias eficientes para ele) clarifica o leitor presumido de determinados tipos de texto e orienta o endereçamento da escrita acessível a esse leitor. Ou seja, estratégias de simplificação eficientes podem ser adotadas a partir da observância do endereçamento enquanto processo fundante do texto que seja compreendido. Como Bazerman (2011, p. 30) afirma:

[...] se percebermos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar. Se começamos a seguir padrões comunicativos com os quais as outras pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar.

Na próxima seção, apresentaremos uma breve reflexão da importância de considerar aspectos extratextuais para acessibilidade textual em *sites* informativos.

2.3 ACESSIBILIDADE TEXTUAL EM SITES INFORMATIVOS

Embora pesquisas de AT se concentrem, principalmente, em aspectos puramente linguísticos da língua, um fator determinante na acessibilidade de um texto é o meio pelo qual esse material será divulgado. Charaudeau (2019 [2005], p.105) afirma: “Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido. Seria uma atitude ingênua pensar que o conteúdo se constrói independentemente da forma, que a mensagem é o que é, independentemente do que lhe serve de suporte”. Sendo assim, além dos aspectos linguísticos, ao tentar aumentar o potencial de acessibilidade de um texto, devemos levar em consideração as características do meio por intermédio do qual esse texto será divulgado.

Ao falar sobre atos de comunicação, Charaudeau (2019 [2005], p.104) afirma que eles acontecem em ambientes que delimitam a realização desses atos e que essas delimitações fazem parte de um contrato. “A cada vez, isto é, a cada situação de comunicação atinente a um contrato, associa-se um dispositivo particular que constitui as condições materiais *ad hoc* de realização do contrato, em relação com outros componentes e com um quadro de restrições”. Dessa forma, podemos compreender (e esperar) determinadas “regras contratuais” na disposição de informações em diferentes mídias: textos impressos não terão *hiperlinks*, determinados materiais devem seguir formatações específicas, áreas especializadas seguem formas de linguagem particulares, etc. Portanto, ao levarmos em consideração as diferenças entre acessos de textos em mídias distintas e ao retomarmos a ideia de Bazerman (2011) da validade de replicar modelos que funcionam e asseguram a acessibilidade, pesquisas de AT podem – e devem! – observar a forma que informações são dispostas em mídias específicas.

Uma das organizações mais reconhecidas na área de AT, a *Plain Language* do governo dos Estados Unidos, enfatiza sistematicamente a importância da formatação de um texto e da clareza da exposição de informações em páginas *online* ou em materiais impressos. Características como cabeçalhos, tamanho de fonte, quantidade de informações e organização estrutural de um texto são temas frequentemente mencionados nas indicações da agência sobre textos acessíveis.

Hassel (2018) apresenta uma série de fatores que devem ser levados em consideração ao se escrever um texto acessível para a *internet*. O que é interessante, porém, é que o autor indica diferentes estratégias (formas de endereçamento) para diferentes tipos de leitores presumidos.

Entre as indicações feitas por Hassel (2018), destacamos:

- Pessoas com limitações visuais preferem textos curtos.
- Pessoas cuja língua principal não é a língua utilizada na redação do texto necessitam de léxico simplificado.
- Para leitores com Transtorno de Atenção, a utilização de bullets é eficiente.
- Textos devem ser claros na formatação.

Nos excertos acima, chamamos a atenção de nosso leitor às predicções de “pessoas” e “leitores”. Embora as recomendações sejam gerais, notamos um movimento de olhar para o elo intermediário entre o texto original e o texto simplificado: o leitor presumido. Os procedimentos acima listados levam em conta o campo aperceptivo de percepção do interlocutor que irá interagir com o texto simplificado, atentando à intermediação enunciativo-textual. Os apontamentos acima, embora decorram em grande parte de um cruzamento de variáveis quantitativas para a construção do espectro leitor e de suas preferências, já demonstram como a área encontra abertura ao estudo do endereçamento e do leitor presumido. Discussões mais localizadas sobre as especificidades dos leitores, dos gêneros discursivos que passarão por simplificação, das esferas ideológicas e de fatores macrossociais da interação verbal podem contribuir ainda mais às condições de compreensão textual.

O projeto ICT4IAL é uma organização que apresenta instruções a respeito de informações acessíveis em diferentes mídias. Em um documento chamado “*The Guidelines for Accessible Information*”¹⁰, disponibiliza instruções e recursos que colaboram para o desenvolvimento de materiais com textos, imagens, vídeos e áudios para diferentes mídias. A respeito de textos acessíveis na *internet*, o projeto indica que devemos levar em consideração o aspecto de “navegação” do conteúdo e que a estrutura textual deve seguir uma ordem para facilitar a leitura. Um dos principais elementos apontados pela organização é a clareza da disposição das informações em um *site*, o

10. Guias para informação acessível. (Tradução nossa)

que leva em consideração sua formatação, tamanho de fonte, presença ou ausência de *links* e de outros materiais midiáticos. De acordo com ICT4IAL, em sua página,¹¹ a respeito de acessibilidade textual:

Quanto mais complexo for o *layout* visual (tabelas, notas de rodapé, quadros, ícones, etc.), mais importante é a indicação de uma ordem lógica de leitura dentro da estrutura.

Com textos muito complexos, é importante conhecer a audiência-alvo e estruturar o texto de acordo com ela. Em várias situações, uma versão mais simplificada de um texto pode ser mais útil para um número maior de usuários.

É particularmente desafiador transformar recursos interativos dentro de um texto em materiais acessíveis.¹²

Além das fontes supracitadas, uma importante referência sobre acessibilidade textual para a *internet* é o grupo W3C (2020), que desenvolveu uma página com diversas instruções e orientações a respeito do assunto. Dentre as indicações dadas pelo grupo, destacamos:

- Crie títulos informativos e únicos para as páginas.
- Utilize cabeçalhos como fontes de informação de acesso.
- Ao utilizar links, utilize apenas conteúdos que sejam completamente necessários e significativos. (Evitar links que não sejam fundamentais e observar suas posições nos textos).
- Descreva imagens em textos (principalmente para usuários com deficiência visual que utilizarão algum recurso tecnológico para a leitura do texto).
- Adote transcrições para materiais de vídeo.
- Ao dar instruções, utilize imperativos claros.
- Mantenha o conteúdo claro e conciso: formatação coerente (sem muitas fontes diferentes, sem muitas cores, com tamanhos regulares).
- Apresente dados em formas de imagens e gráficos com moderação e posicionados de forma que não interrompam o fluxo da leitura.

Com as indicações dadas pelos pesquisadores citados anteriormente, podemos corroborar que a acessibilidade a uma informação não envolve características únicas e meramente linguísticas. Por conseguinte, ao falarmos de acessibilidade textual e terminológica (de textos especializados), devemos tomar um cuidado não apenas com o conteúdo linguístico de um texto, mas também com seus aspectos visuais de acordo com as

11. ICT FOR INFORMATION ACCESSIBILITY IN LEARNING (ICT4IAL). Guidelines for Accessible Information. 2013. Disponível em: <https://www.ict4ial.eu/download-guidelines>. Acesso em: 02 março 2021.

12. Tradução nossa

mídias nas quais serão veiculados. Essas ideias se alinham à perspectiva bakhtiniana de forma composicional enquanto o *todo* enformado¹³, o *todo* finalizado que compõe, a partir da interação de seus elementos estilísticos, composicionais e temáticos, os sentidos de um evento enunciativo (BAKHTIN, 2016b [1953]). Esse *todo* possui estreita relação com o enformamento do enunciado *ao outro*, seu endereçamento.

É preciso lembrar que, independentemente da mídia na qual um texto será exposto, “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível.” (CHARAUDEAU, 2019 [2005], p. 95). Essa ideia relaciona-se com a questão da compreensão para Bakhtin e Círculo ser um ato ideológico, sendo a ideologia as “formas por meio das quais os sujeitos apreendem o vivido e o circunscrevem, simbolicamente, na história e na linguagem de modos diversos” (ZANDWAIS, 2016, p. 110). A presença da ideologia em Bakhtin ou do simbólico em Charaudeau nos indica a maneira pela qual qualquer texto se ancora num ambiente alteritário de sentidos compartilhados como condição para se materializar. Como vimos em nossos exemplos, um dos componentes da alteridade constitutiva da criação de sentidos é o endereçamento e a assunção desse componente pode ampliar as potencialidades da AT e da ST.

Na próxima seção, apresentaremos um exemplo de levantamento de dados para um leitor presumido em pesquisas de Acessibilidade Textual e ilustraremos fatores que potencializam a complexidade de acesso à informação em sites sobre saúde.

2.4 EXEMPLO DE PESQUISA E DE ANÁLISE DE ACESSIBILIDADE EM SITE

De 2016 a 2018, o grupo de pesquisa TEXTECC (2016) da UFRGS desenvolveu um estudo denominado “Da Doença de Parkinson a cuidados básicos em Pediatria: acessibilidade textual e terminológica para leitores brasileiros de baixa escolaridade¹⁴”. Nessa pesquisa, o grupo estudou o perfil de cuidadores de pessoas com a doença de Parkinson e traços de complexidade de textos sobre essa doença que eram geralmente acessados por essas pessoas. Após a conclusão da pesquisa, foram reunidas informações para a composição de uma cartilha que instruisse sobre a escrita facilitada de textos sobre esse determinado assunto.

13. Compreendemos “enformamento” a partir de Medviédev e Bakhtin, para os quais as formas de composição do todo implicam um arremate ao enunciado, um ponto a partir do qual um enunciado se coloca em posição de ser respondido. Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016b [1953], p. 35) entende “enformamento” como a “*conclusibilidade* específica do enunciado” e indica que a mais importante característica dessa conclusibilidade é a possibilidade “de ocupar em relação a ele [ao enunciado] uma posição responsiva”.

14. TEXTECC. Acessibilidade TT. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/page/index/>. Acesso em: 04 março 2021.

Para a verificação de características que tornavam os textos potencialmente complexos, o primeiro procedimento adotado pelo grupo foi a delimitação do perfil de leitor. Para isso, foram conduzidas entrevistas com as pessoas responsáveis por cuidar de pacientes com Parkinson para compreender as situações sociais dessas pessoas e, a partir disso, investigar traços textuais que poderiam tornar os materiais informativos complexos. Para o “desenho” do perfil, o questionário reuniu algumas informações, dentre elas:

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Cidade onde mora:
4. Formação:
5. Profissão:
6. Perguntas pessoais:
 - 6.1. Você costuma ler com frequência?
 - 6.2. O que você costuma ler?
 - 6.3. Você acha que ler é uma atividade complexa?
 - 6.4. Que lugares você costuma frequentar?
 - 6.5. Você costuma viajar com frequência? Para quais lugares?
 - 6.6. Você costuma assistir TV? Qual tipo de programa?
 - 6.7. Que outras atividades você costuma praticar?

A partir da coleta dos dados dos participantes, embora existissem diferentes perfis de pessoas (com diferentes formações e hábitos de leitura), foi possível determinar um perfil de leitor e delimitar um “protótipo de leitor” que guiou a pesquisa sobre os traços de complexidade e, a partir disso, a eficiência de diferentes estratégias de simplificação. Chamamos a atenção do leitor às perguntas pessoais, em que uma tentativa de ausculta do leitor presumido ganha contornos mais precisos e situados. A essa etapa da pesquisa subjaz, ao nosso ver, a compreensão da AT e da ST enquanto espaços em que sujeitos diferentes se encontram e que, por isso, devem ser tomados em suas especificidades para que as estratégias textuais sejam mais efetivas. As perguntas 6.4, 6.5 e 6.7, por exemplo, indagam acerca das vivências dos sujeitos, potencialmente auscultando as formas de orientação na realidade desses leitores por meio de gêneros do discurso. São perguntas que demonstram como o *todo* vivencial e discursivo dos sujeitos influencia nos seus contatos com a palavra alheia.

Pesquisas de AT que trabalham com participantes reais buscam coletar informações do maior número possível de participantes que se enquadrem como leitores-alvos e delimitar um “protótipo” que englobe as características mais frequentes desses participantes.

Na pesquisa supracitada, o protótipo de leitor definido foi o seguinte:

- Idade entre 30 e 60 anos
- Escolaridade: ensino fundamental completo
- Prática de leitura: não-frequente
- Lê: Bíblia na linguagem de hoje, Diário Gaúcho e revistas de novelas
- Dona de casa ou doméstica
- Assiste novelas, reality shows e programas de entrevista
- Frequenta a igreja
- Não costuma viajar e não tem experiências em outros países
- Utiliza Facebook e WhatsApp diariamente

Uma vez que os textos a serem estudados não seriam simplificados apenas para um leitor único, mas para um grupo de leitores, essa delimitação de perfil e definição de protótipo de leitor puderam ser utilizados como leitor presumido para quem o “simplificador” textual direcionaria suas decisões com o objetivo de garantir a compreensão do texto. Cada decisão do simplificador é uma orientação ao leitor presumido, enformado o endereçamento do texto orientado ao campo aperceptivo de percepção do enunciado pelo outro, prevendo as melhores condições interativas. Com base no perfil delimitado, o grupo de pesquisa pode estudar fatores de complexidade dos textos sobre a Doença de Parkinson e, utilizando as informações definidas pelo perfil, observar estratégias que pudessem ser adequadas e tornar os textos acessíveis para esse leitor presumido. A escolaridade, prática de leitura, tipos de textos lidos e práticas (como assistir novelas e utilizar redes sociais) são informações que colaboram para o entendimento e permitem eleger práticas textuais e estratégias de simplificação que perfazem uma linguagem acessível para esse leitor presumido.

Após a condução da pesquisa que identificou características consideradas complexas para a compreensão desse leitor, diferentes estratégias foram aplicadas, testadas e validadas e foi possível, então, agrupar instruções de orientações que tornam um texto acessível para esse leitor. Dentre essas orientações, Silva (2018) menciona: simplificar léxico, substituir pronomes por referenciais, reduzir estruturas, eliminar informações desnecessárias, preencher lacunas, eliminar a voz passiva, reduzir adjetivos e advérbios, evitar remissividade e saída de texto. Nesse estágio da referida pesquisa, compreendemos que essas mudanças linguístico-estruturais não são o ponto de partida da pesquisa, mas seu ponto de chegada. Elas atuam *porque* existe um movimento em direção à auscultação do outro e de suas necessidades. Assim, podemos compreender a adoção dessas estratégias para simplificar um texto como formas de endereçamento, dado que *porque* temos um leitor presumido, efetuamos escolhas para a [re]composição do texto, levando em conta as características e contextos sociais desse leitor.

Como exemplo da aplicação de uma dessas estratégias, apresentamos, a seguir, dois fragmentos de textos a respeito da Doença de Parkinson com alta complexidade lexical de acordo com métricas do *Coh-Matrix-Dementia*-ferramenta de análise textual que permite a coleta de índices que podem ser utilizados para indicativos de complexidade textual (CUNHA, 2015). Destacamos em itálico, nesses textos, unidades lexicais consideradas complexas para o perfil de leitor-alvo e que foram selecionadas por meio da pesquisa de complexidade (escolha de palavras complexas pelos participantes e verificação de frequência em *corpora*).

FRAGMENTO 1:

A doença de Parkinson é um *distúrbio neurológico* do movimento, progressivo e *degenerativo*, que afeta aproximadamente milhares de pessoas.

Depois de vários anos, podem experimentar a *acinesia*, ou “congelamento” e perder totalmente os movimentos do corpo.

(Fonte: MEDTRONIC, 2016)

FRAGMENTO 2:

A Doença de Parkinson é uma doença *degenerativa* do sistema nervoso central, *crônica* e progressiva. É causada por uma diminuição intensa da produção de dopamina¹⁵.

Na falta dela, *particularmente* numa pequena região *encefálica* chamada substância negra, o controle *motor* do indivíduo é perdido, *ocasionando* sinais e sintomas característicos.

(Fonte: HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN, 2017)

Tendo delimitado o perfil de leitor e reunido informações que perfaziam o tipo de leitura com as quais esses leitores estavam habituados, a estratégia de simplificação lexical foi aplicada como forma de endereçamento a esse leitor presumido.

Para aplicação dessa estratégia, as palavras previamente destacadas foram substituídas por sinônimos considerados mais simples encontrados no CorPop, que é um *corpus* de referência do português popular simplificado (PASQUALINI, 2018). Uma vez que esse *corpus* foi composto por textos de jornais como Diário Gaúcho e revistas populares, pode-se afirmar que as palavras encontradas são comuns para o nosso perfil de leitor, uma vez que grande parte afirmou ter esses materiais como hábitos de leitura. Abaixo, os fragmentos de texto alterados.

15. Embora a palavra “dopamina” possa ser considerada complexa, ela não poderia ser substituída por ser o nome de um neurotransmissor. Na aplicação de outro tipo de estratégia de simplificação (expansão de informações), foi acrescentado um aposto simplificado para a compreensão do termo.

FRAGMENTO 1:

A doença de Parkinson é um *problema do cérebro* relacionado a movimento, progressivo e *destrutivo* que afeta aproximadamente milhares de pessoas.

Depois de vários anos, podem experimentar a *falta de movimento*, ou “congelamento” e perder totalmente os movimentos do corpo.

FRAGMENTO 2:

A Doença de Parkinson é uma doença destrutiva do sistema nervoso central, de longa duração ou permanente e progressiva. É causada por uma diminuição intensa da produção de dopamina. Na falta dela, especialmente numa pequena região de uma parte do cérebro chamada substância negra, o controle de movimento do indivíduo é perdido, causando sinais e sintomas característicos.

Na etapa de testes, foi possível corroborar o potencial de acessibilidade dos textos nos quais a simplificação lexical foi aplicada com a ajuda do CorPop. A compreensão de que o perfil de leitor definido teria dificuldades ou seria impedido de compreender o sentido dos textos com as unidades lexicais complexas direcionou para a adoção da estratégia de simplificação lexical; ou seja, o perfil do leitor pressuposto orientou as estratégias de endereçamento para esse interlocutor. Notamos na substituição de “degenerativa” por “destrutiva”; de “crônica” por “de longa duração ou permanente” que a simplificação não ocorre somente na troca de sintagmas, mas no nível estilístico do enunciado como um todo, visto que o perfil de leitor pode demandar um aumento descritivo quando da substituição lexical.

Além das características textuais observadas, as pesquisas do grupo TEXTECC têm permitido coletar uma série de informações a respeito da disposição de textos sobre a saúde em *sites* populares para leigos (como a plataforma do Dr. Dráuzio Varella e o ABC da Saúde) e a relação dessas mídias e de seus componentes com acessibilidade textual e terminológica.

Embora as duas páginas sejam destinadas a leitores leigos e alguns cuidados tenham sido claramente tomados na composição dos textos, alguns elementos “desobedecem” às indicações observadas por especialistas em acessibilidade para a *internet*, mencionadas na seção 4 (Acessibilidade Textual em *Sites* Informativos).

Abaixo, discutiremos alguns fatores que podem tornar complexo o acesso aos textos. Para isso, apresentaremos um exemplo retirado do *site* do Dr. Dráuzio Varella, conhecido por trazer informações a respeito de questões de Saúde para populações leigas (Figura 1):

Figura 1: Exemplo de site informativo a respeito de Saúde



Fonte: VARELLA, 2020.

A imagem acima é uma foto da tela a respeito da doença Covid-19 no site do Dr. Dráuzio Varella. Conforme já mencionado, ainda que uma leitura nos permita observar que o autor teve alguns cuidados com a linguagem do artigo, existem diversos elementos que fazem do acesso à informação um processo complexo:

1. Extensão: o material, quando transferido para uma ferramenta de texto, apresenta a extensão de oito páginas;
2. Formatação: o material está escrito em uma fonte pequena e com um espaçamento limitado. Embora existam recursos que nos permitam aumentar o tamanho da fonte, não podemos presumir que todo usuário tenha esses conhecimentos;
3. Presença constante de *links* e hipertexto: *links* são presentes tanto em palavras (ao clicar em um determinado conceito, o usuário é encaminhado para outra página) quanto no decorrer do texto. Embora o uso de *links* possa ser útil em determinadas instâncias, é preciso lembrar das orientações da W3C, que indicam que devem ser limitados e corretamente posicionados no texto. Como podemos ver na imagem, existe um *link* “Veja também” no meio do texto – elemento que pode interromper o fluxo da leitura e confundir um leitor menos proficiente em leitura e em uso de ferramentas digitais;
4. Presença de mídias (vídeos, imagens e áudios): embora esses elementos sejam úteis, o grupo ICT4IAL destaca que sua presença pode reduzir a navegação dentro de uma página e, conseqüentemente, aumentar a complexidade de acesso à informação. O *site* utilizado como exemplo costuma apresentar, com frequência, uma imagem, um vídeo e um áudio antes do texto. Ao analisarmos os conteúdos desses elementos e compararmos com as informações contidas no texto, podemos observar

que algumas se tornam redundantes e que a ordem da apresentação das informações é “misturada”. Ao termos em mente um leitor presumido com dificuldades de leitura (como pessoas idosas com baixa proficiência de leitura e domínio de ferramentas tecnológicas), a sobrecarga de informações em diferentes mídias reunidas em uma única página pode impedir que a informação seja compreendida. Conforme as três fontes de referência a respeito de acessibilidade para *internet* citadas nesse artigo, é fundamental que as informações sejam concisas e claras;

5. Presença de propagandas e anúncios: na página, existem propagandas e anúncios constantes. No topo da página utilizada como exemplo, há uma imagem em vermelho e amarelo (cores que são as primeiras a atrair a atenção do olho, segundo a Teoria das Cores, Silveira, 2015) e com movimento que diz: “Dr. Dráuzio não faz propaganda de remédio. Não compre!”. Essa mensagem, propositalmente chamativa, pode se tornar um elemento complexo de acesso à informação, uma vez que alguns artigos presentes no *site* indicam medicamentos;

6. Estrutura em colunas: ainda que seja comum estruturar páginas da *internet* em colunas, o exemplo da página mencionada torna a leitura “poluída”. Durante a leitura do texto, além dos diversos *links* presentes, o usuário constantemente recebe indicações (com atalhos) para outros artigos que são (ou não) relacionados. Conforme já mencionamos, principalmente na seção 4, o fluxo de leitura e a organização da disposição das informações é crucial para o acesso à informação.

Embora o *site* seja destinado a públicos leigos – como uma gama de outras páginas com objetivos semelhantes – podemos observar que existem diversos elementos que dificultam o acesso à informação. Esses elementos composicionais fazem com que o funcionamento do gênero cumpra sua função de divulgação científica com maior dificuldade. Como citado anteriormente, parece existir uma grande preocupação em observar e estudar características exclusivamente textuais dentro da área de acessibilidade textual. Entretanto, devemos começar adicionar aos estudos dois elementos cruciais apontados por Bakhtin e por Charaudeau: o usuário para o qual um texto será destinado, o funcionamento dos enunciados em suas estabilizações típicas – os gêneros do discurso – e o universo midiático no qual o texto será veiculado.

3. CONCLUSÕES

Se tomarmos um texto como forma de diálogo e soubermos que um diálogo pressupõe um interlocutor (o *outro*), podemos afirmar que um texto, para ser acessível, deve apresentar condições que possibilitem tal diálogo. O *outro* deve entrar no campo aperceptivo de percepção do locutor e influenciá-lo *de dentro*, por meio do endereçamento. Quando o *outro* participante do discurso é negligenciado, a finalidade comunicativa não é atingida; ou

seja, um texto “acessível” acaba não sendo, de fato, acessível. Sendo assim, a compreensão a respeito do interlocutor e de sua realidade social são fatores determinantes para escolhas linguísticas na produção de enunciados.

Ao falarmos de realidade social e relacionarmos essa realidade às situações que “exigem” textos acessíveis, devemos levar em consideração uma certa quantidade de informações para que possamos compreender o leitor para o qual um texto será destinado e [re]escrever um texto simplificado para esse leitor presumido. A partir da inclusão da imagem do leitor (e de suas realidades) no processo de [re]escrita acessível, um autor de um texto cujo objetivo é acessibilidade tem possibilidades de estratégias de simplificação para o endereçamento da mensagem para seu leitor.

Ainda que, nos últimos anos, pareça existir um crescente interesse em pesquisar Acessibilidade Textual, podemos perceber que as pesquisas da área acabam, muitas vezes, tornando-se limitadas à aplicação de estratégias puramente técnicas. Por conseguinte, é preciso conscientizar pesquisadores de AT do papel ativo do leitor em relação ao texto e das possíveis formas de endereçamento a esse leitor – lembrando que o leitor é um ser humano inserido em contextos sociais distintos.

Utilizar conhecimentos a respeito de hábitos de leitura e do perfil de linguagem com os quais um leitor presumido está acostumado possibilita perfazer uma linguagem acessível para esse leitor e, conseqüentemente, atingir o objetivo de acessibilidade. Como afirmou Bazerman (2011), compreender e replicar padrões de linguagem cuja eficiência é comprovada é uma forma de garantir a compreensão.

Entretanto, é preciso lembrar que qualquer finalidade de [re]escrita acessível deve, primeira e primordialmente, delimitar seu perfil de leitor presumido para que, a partir dele, se possa optar pelas formas de endereçamento que serão eficientes. Para isso, devemos nos atentar às contingências e ao caráter situado do outro a que qualquer enunciado se endereça. Não se pode tomar como certo que orientações eficientes para um determinado leitor serão automaticamente válidas para outros.

Ao termos em mente um leitor presumido, além de levar em consideração os aspectos linguísticos de um texto que objetive a acessibilidade, também é fundamental observar e lembrar que existem fatores que aumentam e fatores que diminuem a complexidade de textos e que são restritos às mídias nas quais serão disponibilizados. Forma e sentido, estratégias de simplificação e as condições efetivas de interação verbal se unificam em vias de materializar o *todo* no qual locutor e interlocutor se encontram no texto [re]escrito.

Por fim, acreditamos que práticas de Acessibilidade Textual devem levar em consideração aspectos mais filosóficos e sociais da linguagem aliados às práticas técnicas para que a acessibilidade seja genuinamente alcançada.

TEXT ACCESSIBILITY AND ADDRESSABILITY: BAKHTINIAN CONTRIBUTIONS TO TEXT SIMPLIFICATION

ABSTRACT: The main goal of the present article is to relate Bakhtin's concepts of "addressability" and "presumed reader" to practices of Text Accessibility and Text Simplification. Even though research in these areas usually present linguistic guidelines to apply simplification strategies, there is a clear lack in understanding the "reader" and his/her primary role as the guide of a simplified [re]writing. Thus, Bakhtin's concepts are fundamental so as to contribute to an awareness about the role of the reader and, from that, guide the adoption of strategies. Moreover, we reflect upon the importance of considering different kinds of media in which information will be made available, once, according to Charaudeau, not only the utterance, but also the way it is disposed, influence comprehension. Firstly, we present a short explanation about Text Accessibility, Complexity and Simplification as fields of study, highlighting the importance of the reader for these areas. Secondly, we cover the concepts of "addressability" and "presumed reader" and the relation between these concepts and accessible [re]writing followed by concepts of accessibility for digital medias. At last, we present an example of a research in which simplification strategies were adopted and one example of informative site with elements that make accessibility more difficult.

KEYWORDS: Text Accessibility. Text Simplification. Addressability. Presumed Reader. Bakhtin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

ABC DA SAÚDE. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.abcdasaude.com.br/>. Acesso em: 04 março 2021.

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959 - 1961). In:

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. 1 Ed. São Paulo: Editora 34, 2016b [1953].

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRAIT, B.; CAMPOS, I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2019 [2005].

CUNHA, A.L.V. **Coh-Matrix-Dementia: análise automática de distúrbios de linguagem nas demências utilizando Processamento de Línguas Naturais**. Dissertação (Mestrado em Ciências de Computação e Matemática Computacional) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DUBAY, W.H. **The Principles of Readability**. California: Impact Information Costa Mesa, 2004.

FINATTO, M.J.B. **Acessibilidade Textual e Terminológica: um Novo Tópico de Pesquisas em Terminologia no Brasil** - Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro. Porto Alegre: Editora Pontes, 2018.

HASSEL, J. **The importance of text accessibility: how IBM's Content Clarifier shows us what we've forgotten**. Gravesend: Hassell Inclusion Limited, 2018.

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. **Parkinson**. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.einstein.br/doencas-sintomas/parkinson>. Acesso em: 04 março 2021.

ICT FOR INFORMATION ACCESSIBILITY IN LEARNING (ICT4IAL). **Guidelines for Accessible Information**. 2013. Disponível em: <https://www.ict4ial.eu/download-guidelines>. Acesso em: 02 março 2021.

MEDTRONIC. **Sobre a doença de Parkinson**. 2016. Disponível em: www.medtronic.com/br-pt/your-health/conditions/parkinsons-disease.html. Acesso em: 03 março 2021.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, G.S. **Addressivity**. Em *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Boston: Elsevier, 2006.

NELSON, M.E., HULL, G.A., **Locating the Semiotic Power of Multimodality**. Berkley: Sage Publications, 2005.

PASQUALINI, B. **Corpop: um corpus de referência do português popular escrito do Brasil**. 2018. 250 p. Tese de Doutorado -UFRGS, Porto Alegre, 2018.

PLAIN LANGUAGE. **Plain Language**. United States, 2004. Disponível em: <https://plainlanguage.gov/>. Acesso em: 02 março 2021.

SILVA, A.D.C.S. **Textos de divulgação para leigos sobre o Transtorno do Estresse Pós-Traumático em português: alternativas para a acessibilidade textual e terminológica**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVEIRA, L.M. **Introdução à teoria da cor**. Curitiba: UTFPR Editora. 2015.

TEXTECC. **Acessibilidade TT**. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/page/index/>. Acesso em: 04 março 2021.

VARELLA, D. **Covid-19**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/covid-19/>. Acesso em: 04 março 2021.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 Ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

W3C (WEB ACCESSIBILITY INITIATIVE). **Writing for Web Accessibility**. 2020. Disponível em: <https://www.w3.org/WAI/tips/writing>. Acesso em: 03 março 2021.

ZANDWAIS, A. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016.